

Efeito cascata na cadeia de energia

Por Nicola Pamplona

10 Brasil Econômico Sexta-feira e fim de semana, 6, 7 e 8 de setembro, 2013

EMPRESAS

Editora: Flavia Galebeck
flaviag@brasilconomico.com.br

Nicola Pamplona
nicola.pamplona@brasilconomico.com.br

Redução das tarifas de energia, concorrência com importados e as denúncias de cartel contra as gigantes Siemens e Alstom vêm provocando um efeito dominó entre os fornecedores de equipamentos elétricos no país. Com a postergação, por geradores e distribuidores, de investimentos e até de pagamentos de faturas, a ordem é cortar custos e reestruturar as atividades para sobreviver. No mundo, o setor já convive com o fechamento de fábricas, como alternativa para eliminar a sobre capacidade de produção.

"Não estamos vivendo um momento confortável. As empresas têm tentado ao máximo enxugar custos, porque a capacidade de concorrer está reduzida", diz o presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica, Humberto Barbato. A entidade deve publicar nos próximos dias a revisão de suas projeções para o ano, que previam um crescimento de 10% nas vendas de equipamentos de geração, transmissão e distribuição de energia, segmento conhecido pela sigla GTD.

No primeiro semestre, diz, o segmento sofreu com a postergação dos investimentos em distribuição de energia, reflexo da lei 12.783, que reduziu a conta de luz. "Sondagens com nossos associados indicam que os investimentos foram reduzidos momentaneamente", comenta. De fato, balanços do segundo trimestre apontam queda dos investimentos de algumas das principais distribuidoras do país, como Light, Cemig, Ampla e CPFL.

"O setor de energia elétrica vive um momento de imensa instabilidade jurídica que tem como consequência essa retração do mercado", analisa o presidente do Instituto Acende Brasil, Cláudio Sales. "As dificuldades começaram no segundo ciclo de revisão tarifária, no ano passado, que implicou em uma redução média de 30% na geração de caixa das distribuidoras, e se acentuaram após a lei 12.783, que atingiu também a geração", completa ele.

A lei entrou em vigor em janeiro, estabelecendo as bases para a renovação das concessões de geração de energia no país e abrindo espaço para a redução do preço da eletricidade. Com a queda de receita, as empresas voltaram-se para a renegociação de contratos com os maiores fornecedores. Segundo especialistas, trata-se de um momento de adaptação e redimensionamento ao novo cenário do setor energético brasileiro.

Executivo de uma gigante de equipamentos elétricos diz que a ordem é reestruturar equipes e procedimentos nas unidades de produção, além de renegociar contratos com seus fornecedores, pa-



Daqui/Imagem/Alto/Brasil/Alto

Efeito cascata na cadeia de energia

Postergação de investimentos, tarifas menores de energia e concorrência com importados são alguns dos fatores para que fornecedores da indústria apertem o cinto

ra cortar custos ao máximo. "Neste momento, não estamos pagando ninguém", confidencia, sob a condição do anonimato. Ninguém fala abertamente sobre o assunto, mas a impressão geral é que inadimplência entre as empresas do setor é crescente.

Barbato diz que, além das mudanças no cenário local, o câmbio e a concorrência internacional contribuíram para o mal desempenho do ano. Segundo dados da Abinee, o segmento GTD teve um déficit comercial de US\$ 624 milhões no primeiro semestre de 2013, alta de 72% com relação ao

“**Não estamos vivendo um momento confortável. As empresas têm tentado ao máximo enxugar custos, porque a capacidade de concorrer está reduzida**”

Humberto Barbato
Presidente da Abinee

verificado no mesmo período do ano passado. Em todo o ano de 2012, o saldo negativo foi de US\$ 720 milhões. Os principais fornecedores estrangeiros ao mercado brasileiro são empresas chinesas e indianas.

Além de Alstom e Siemens, fontes do mercado falam em dificuldades na Orteng, empresa de origem mineira que tem atividades também em GTD. Números da única grande do setor com capital aberto no país, a WEG indicaram estabilidade nas vendas de equipamentos para geração, transmissão e distribuição no segundo trimes-

tre. Apesar disso, diz relatório do Banco do Brasil Investimentos sobre a empresa, teve bons resultados devido à "capacidade da companhia em conseguir ganho de eficiência operacional e de rentabilidade, diante de um cenário de atividade industrial moderada no país e, principalmente, no exterior".

Foco em custos também nas gigantes do setor

Os balanços das gigantes multinacionais apontam queda nas receitas globais do setor e foco em redução de custos. A Siemens, por

NÚMEROS

R\$ 624 mi

Déficit comercial do setor de geração, transmissão e distribuição no primeiro semestre de 2013, alta de 72% com relação a 2012.

10%

Previsão de crescimento das vendas do segmento, que será revista pela Abinee com base no desempenho do primeiro semestre.

30%

Redução média da geração de caixa das distribuidoras de energia, com a revisão tarifária do ano passado, que provocou a suspensão de investimentos.

exemplo, anunciou no início do ano o fechamento de duas unidades ligadas à produção de equipamentos para geração de energia eólica na Espanha. As duas empresas, porém, apostam em melhora da situação até o final do ano, embora com margens ainda baixas. "Para o ano fiscal de 2013 (que termina em setembro), a Siemens espera um crescimento das encomendas e uma queda moderada na receita, em comparação com o ano anterior", diz a empresa, no comunicado de divulgação do resultado do terceiro trimestre do ano fiscal de 2013, segundo o calendário europeu, encerrado em junho.

O balanço da Alstom, por sua vez, mostra uma queda de 5% na receita do setor, por conta da suspensão de projetos, principalmente na Índia. A reestruturação das atividades as empresas no Brasil tem também relação com as denúncias de formação de cartel em concorrências realizadas pelo governo de São Paulo, que provocaram a demissão do comando da Siemens no Brasil. O caso está sendo investigado pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade).

Postergação de investimentos, tarifas menores de energia e concorrência com importados são alguns dos fatores para que fornecedores da indústria apertemo cinto

Redução das tarifas de energia, concorrência com importados e as denúncias de cartel contra as gigantes Siemens e Alstom vêm provocando um efeito dominó entre os fornecedores de equipamentos elétricos no país. Com a postergação, por geradores e distribuidores, de investimentos e até de pagamentos de faturas, a ordem é cortar custos e reestruturar as atividades para sobreviver. No mundo, o setor já convive como fechamento de fábricas, como alternativa para eliminar a sobre capacidade de produção.

"Não estamos vivendo um momento confortável. As empresas têm tentado ao máximo enxugar custos, porque a capacidade de concorrer está reduzida", diz o presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica, Humberto Barbato. A entidade deve publicar nos próximos dias a revisão de suas projeções para o ano, que previam um crescimento de 10% nas vendas de equipamentos de geração, transmissão e distribuição de energia, segmento conhecido pela sigla GTD. No primeiro semestre, diz, o segmento sofreu coma postergação dos investimentos em distribuição de energia, reflexo da lei 12.783, que reduziu a conta de luz. "Sondagens com nossos associados indicam que os investimentos foram reduzidos momentaneamente", comenta. De fato, balanços do segundo trimestre apontam queda dos investimentos de algumas das principais distribuidoras do país, como Light, Cemig, Ampla e CPFL.

"O setor de energia elétrica vive um momento de imensa instabilidade jurídica que tem como consequência essa retração do mercado", analisa o presidente do Instituto Acende Brasil, Cláudio Sales. "As dificuldades começaram no segundo ciclo de revisão tarifária, no ano passado, que implicou em uma redução média de 30% na geração de caixa das distribuidoras, e se acentuaram após a lei 12.783, que atingiu também a geração", completa ele. A lei entrou em vigor em janeiro, estabelecendo as bases para a renovação das concessões de geração de energia no país e abrindo espaço para a redução do preço da eletricidade. Com a queda de receita, as empresas voltaram-se para a renegociação de contratos com os maiores fornecedores. Segundo especialistas, trata-se de um momento de adaptação e redimensionamento ao novo cenário do setor energético brasileiro.

Executivo de uma gigante de equipamentos elétricos diz que a ordem é reestruturar equipes e procedimentos nas unidades de produção, além de renegociar contratos com seus fornecedores, para cortar custos ao máximo. "Neste momento, não estamos pagando ninguém", confidencia, sob a condição do anonimato. Ninguém fala abertamente sobre o assunto, mas a impressão geral é que inadimplência entre as empresas do setor é crescente. Barbato diz que, além das mudanças no cenário local, o câmbio e a concorrência internacional contribuíram para o mal desempenho do ano. Segundo dados da Abinee, o segmento GTD teve um déficit comercial de US\$ 624 milhões no primeiro semestre de 2013, alta de 72% com relação ao verificado no mesmo período do ano passado. Em todo o ano de 2012, o saldo negativo foi de US\$ 720 milhões. Os principais fornecedores estrangeiros ao mercado brasileiro são empresas chinesas e indianas.

Além de Alstom e Siemens, fontes do mercado falam em dificuldades na Orteng, empresa de origem mineira que tem atividades também em GTD. Números da única grande do setor com capital aberto no país, a WEG indicaram estabilidade nas vendas de equipamentos para geração, transmissão e distribuição no segundo trimestre. Apesar disso, diz relatório do Banco do Brasil Investimentos sobre a empresa, teve bons resultados devido à "capacidade da companhia em conseguir ganho de eficiência operacional e de rentabilidade, diante de um cenário de atividade industrial moderada no país e, principalmente, no exterior". Foco em custos também nas gigantes do setor Os balanços das gigantes multinacionais apontam queda nas receitas globais do setor e foco em redução de custos. A Siemens, por exemplo, anunciou no início do ano o fechamento de duas unidades ligadas à produção de equipamentos para geração de energia eólica na Espanha. As duas empresas, porém, apostam em melhora da situação até o final do ano, embora com margens ainda baixas. "Para o ano fiscal de 2013 (que termina em setembro), a Siemens espera um crescimento das encomendas e uma queda moderada na receita, em comparação como ano anterior", diz a empresa, no comunicado de divulgação do resultado do terceiro trimestre do ano fiscal de 2013, segundo o calendário europeu, encerrado em junho.

O balanço da Alstom, por sua vez, mostra uma queda de 5% na receita do setor, por conta da suspensão de projetos, principalmente na Índia. A reestruturação das atividades das empresas no Brasil tem também relação com as denúncias de formação de cartel em concorrências realizadas pelo governo de São Paulo, que provocaram a demissão do comando da Siemens no Brasil. O caso está sendo investigado pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade).